

CRISTOVAM PEREIRA DE ABREU – 1678 (Portugal)-1755 (Rio Grande/Brasil)

## **Cristóvão Pereira de Abreu – O Inventor do Rio Grande do Sul.**

Paulo Timm – Breve biografia de seu Patrono na ALPAS 21 – Cruz Alta

2019

*“Os tropeiros voltavam sua atenção para as formosas pradarias, onde a cavahada proliferava sem cuidados. Sul e Centro, agora se completavam economicamente.(...) Por esse tempo surgiu no Rio Grande o vulto singular de Cristóvão Pereira, o último bandeirante do sul, alma varonil e infatigável, o maior dos tropeiros, figura magnífica de campeão de uma atividade que exerceu papel relevante em longo período da nossa história”*

Arthur Ferreira Filho – História Geral do Rio Grande do Su 1503-1964 – Globo Ed., POA 1965, pg. 29

*“O tropeio do gado fazia-se em termos de fornecimento de animais para o corte e para o transporte na região das minas. Neste último caso, não se objetivava o rebanho bovino, mas, sim, o mular. Foi preciso penetrar na área platina, buscando a criação de mulas que se fazia em território argentino e que abasteciam as minas de Potosi”*

Sandra Jathay Pesavento – História do Rio Grande do Sul, Martins Ed. P.Alegre – 9ª. Edição – pg 45

Ao propor o nome de Cristóvão Pereira de Abreu como meu Patrono na ALPAS-21, em posse marcada para o dia 27 de abril de 2019, tendo como

Paraninfo o Poeta Joaquim Moncks, devo, primeiro, agradecer a honra pela indicação e, em segundo, uma explicação à Casa. Cristóvão Pereira de Abreu não teve projeção literária significativa, apesar de ter deixado muitos escritos de ofício, mas é uma figura central na História do Rio Grande do Sul. Ao propô-lo tive em mente que, tal como os membros das Academias de Letras, a partir da Academia Brasileira de Letras, distribuídos entre machadistas, notáveis pela contribuição literária, e nabuquistas, notáveis pelos serviços prestados à cultura e às letras, também seus Patronos devam merecer tal divisão, sempre, claro, com o predomínio dos primeiros e desde que tenham sido, os segundos, mulheres e homens de educação esmerada. Cristóvão Pereira de Abreu, acredito eu, é um destes casos.

*“Cristóvão Pereira era, sem dúvida, uma figura surpreendente. A ação, só a ação, não esgotava os recursos de sua exuberante natureza. Prova disso são os fragmentos de sua correspondência, tão rica sob tantos aspectos, inclusive nas suas previsões quanto ao futuro da nova conquista.”*

Vellino, Moysés – Capitania d El Rei – Ed. Globo, 2ª. Ed, POA 1970, pg 135

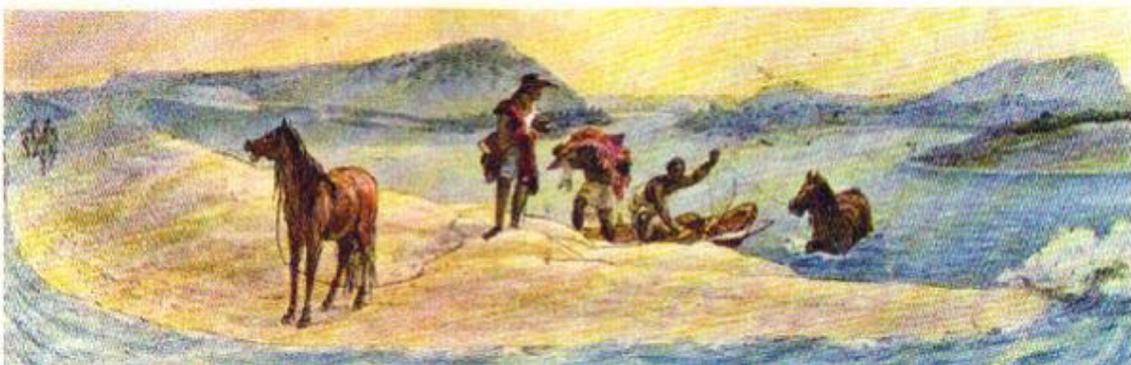
Cristóvão Pereira de Abreu foi um fidalgo português, de esmerada educação, requintados gostos e ágil palavra ao cair da pena, o que lhe valeu a possibilidade de registrar vários relatórios ao longo da vida. Nasceu em 13 de julho de 1678 em Ponte de Lima, Portugal, freguesia do Fontão, filho de João de Abreu Figueira e Leonor de Amorim Pereira. Faleceu a 22 de novembro de 1755, aos 77 anos, na Vila de Rio Grande de São Pedro, hoje cidade riograndina. Lá sediou-se, depois de muitas peregrinações ao longo da costa sul das terras que viriam a ser lusitanas, ainda que bravamente disputadas com espanhóis, entre São Vicente e Colônia do Sacramento, o que lhe valeu a fama de “o descobridor” do Rio Grande do Sul. Teria chegado ao Brasil aos 20 anos de idade, trazido pelo pai, já estabelecido no Rio de Janeiro e exerceu diversas atividades, antes de se transformar no protótipo do explorador a serviço da Coroa Portuguesa, ora como beneficiário de Cartas Comerciais, que lhe deram o monopólio do couro e do tabaco, ora como militar, tendo operado na negociação com franceses para a desocupação da cidade do Rio de Janeiro, em guerras contra espanhóis no sul e junto as forças luso-hispânicas nas Guerras Guaraníticas 1754-56.

Graças à sua experiência no eixo Colônia-Laguna, com grande relacionamento com populações indígenas, foi encarregado pelo Vice Rei de levar, como Coronel de Ordenanças, a frota do brigadeiro José da Silva Paes para fazer o reconhecimento da barra do Rio Grande de São Pedro, onde seria construído o Forte Jesus Maria e José de Rio Grande, a partir de 1737, um dos pontos da conquista das vastidões riograndenses. Outro ponto desta conquista, do qual Cristovam também fez parte, proveio de Laguna, fundada pelo paulista Domingos de Brito Peixoto, em 1676, quem recebeu das autoridades coloniais a patente de guarda-mor em 1721 para descer pelo litoral ao sul com objetivo de fundar povoações que garantissem o controle do gado criado à solta nas vacarias pampeanas que se estendiam até o Rio da Prata e que desde 1703 eram levados para o centro do Brasil Colônia, onde desenvolviam-se cidades e comércios graças ao ciclo do ouro. Com efeito, em 1725, João Magalhães

penetra no Rio Grande com uma frota de 31 lagunistas e em 1732 esta investida resulta na concessão da primeira sesmaria a Manoel Gonçalves Ribeiro na parada das Conchas, junto ao Rio Tramandaí. Neste ponto iniciou-se um registro de passagem de tropas e mercadorias que, mais tarde, em 1971, seria transferido para Torres. Cristovam Pereira deve ter participado intensamente deste processo, tendo operado como elo de ligação entre os dois pontos – Rio Grande, por mar e Caminho das Praias, por terra - creditando-se, inclusive a ele um papel pioneiro em Torres: Ele teria construído um descanso das tropas, nesta cidade, junto ao Rio Mampituba, fronteira com Santa Catarina, por onde atravessavam o gado – como ilustra o quadro atribuído a Debret no século XIX , abaixo, tendo, talvez, sido um baluarte do famoso “Potreiro”, em Torres, junto à travessia do Rio tal como propõe R.R.Ruschel em sua crônica “O curral da Torre”, de 28.02.1997 (Torres tem História, Ed. EST, 2004 pg 781) e sugere Bento Barcelos no seu último livro – “Vale do Mampituba”.

*“O velho Neco, segundo o conselho dos velhos, era um homem abastado (em Torres) . Tinha 80 escravos e enormes extensões de terras no Vale do Mampituba e foi quem mandou construir uma taipa de pedras da Torres do Centro (Morro das Furnas). Em função da temporalidade este escriba não acredita nesta hipótese. (...) O mais provável ainda poderia ter sido construída pelo português Cristóvão Pereira, o primeiro que se tem notícias que passou por aqui e por muito tempo nos tempos das tropeadas.”*

Bento Barcelos da Silva in “Vale do Mampituba” – Café Of de Ideias – 2ª.ed. Torres /RS – 2018 – pg 135



Em pouco tempo estas duas pontas da garra lusitana sobre o sul se encontrariam em Viamão (1741) logo da criação, em 1738, da Comandância Militar do Rio Grande de São Pedro, vinculada à Capitania de Santa Catarina mas subordinada ao Rio de Janeiro. Este só fato revela a forte presença a militar na sócio-gênesa do Rio Grande do Sul, nesta estremadura da colonização. Em todo este processo Cristovam Pereira de Abreu é um constante personagem. Percorre, a partir de Colônia, desde 1703 o tropeio do gado rumo a São Paulo pelos Caminho das Praias, abrindo, entre 1727/30, o acesso à Serra do Mar, até Lages, estimando-se haver transportado cerca de

500 mil reses no total. Seu deslocamento para o comércio do tabaco, em 1710, e para o transporte de gado, deve ter ocorrido em função da precariedade do controle lusitano sobre Colônia, várias vezes ocupada por espanhóis forçando a saída dos portugueses para o interior. Arrasada no mesmo ano de sua fundação em 1680, a cidade retorna ao controle de Portugal em 1683, voltando a cair em mãos espanholas entre 1704 e 1715. Neste ano, até 1736, mercê de entendimentos entre as duas Coroas, os portugueses a reassumem, justo quando se inicia a expansão lusitana sobre o território rio-grandense com a concessão de diversas sesmarias no litoral e nas cercanias de Viamão, onde se iniciam as primeiras estâncias, e se expande o contrabando de gado para São Paulo.

Esta ideia de ligar o litoral à serra, à caminho de Sorocaba, em São Paulo, onde as cargas se redistribuíam por outros tropeiros para o Vale do São Francisco, rumo ao Nordeste e para o interior das Gerais, onde crescia a mineração, já vinha sido aventada por Bartolomeu Dias de Abreu, cartógrafo, autor da “Demonstração da costa desde Buenos Ayes até a Villa de Santos”, 1719. Ele a requereu, sem êxito, em carta a El Rei de Portugal, em 23 de maio de 1720, à conta de uma patente como capitão-mor do “distrito do Rio Grande”(Aurélio Porto em sua “História das Missões Orientais do Uruguai”, RJ, Imprensa Nacional, 1943, Vol I pg 359, apud Bibliografia Suriograndense, de Abeillard Barreto, I, Conselho Nacional de Cultural. 1973 ).

Cristovam Pereira de Abreu foi quem levou a cabo a ideia abrindo, *sponte própria* e com sacrifício de suas contas pessoais, na verdade, dois caminhos para São Paulo, numa época em que daí, através de Sorocaba, se chegava às áreas recém abertas e ricas de mineração, carentes de mulas para carga e carne de gado para alimentação da explosiva população. Esta população triplicou de 1700 a 1800, vésperas da Independência.

*“E por sugestão de Cristóvão Pereira, o Sargento-mor Francisco de Souza Faria iniciou, em 1727, no Morro dos Conventos, barra do Rio Ararangué, o caminho que devia atingir o planalto dois anos depois. (...) Concluída a estrada, ..., Cristóvão Pereira foi o primeiro a utilizá-la, conduzindo por ela uma tropa de 2.000 animais cavaleiros. Daí para cá, por quase dois séculos, (...) nunca mais cessou o contínuo desfilar de tropas, das campanhas do sul para São Paulo”*

Arthur Ferreira Filho – História Geral do Rio Grande do Sul, Globo Ed. POA, 1960, pg 29/30

O caminho do Morro dos Conventos ou das Praias – 1830 -Ilustração

aos tropeiros, e estabelecer entre S. a  
 cção militar segura, livre dos azares  
 e tempo,  
 ração deitiosíssimo, mesmo para a  
 primeiro a utilizá-la, conduzindo por  
 is cavalares.  
 dois séculos, de Cristóvão Pereira a  
 cessou o continuo desfilar de tropas,  
 o Paulo.

o iam criando as primeiras estâncias  
 Irandai, Capivari, Viamão, Kinção  
 serão troncos de grandes famílias e  
 oricos: Pinto Bandeira, Francisco Pa-  
 João Rodrigues Prates, Xavier Ribeiro,  
 Mendes...

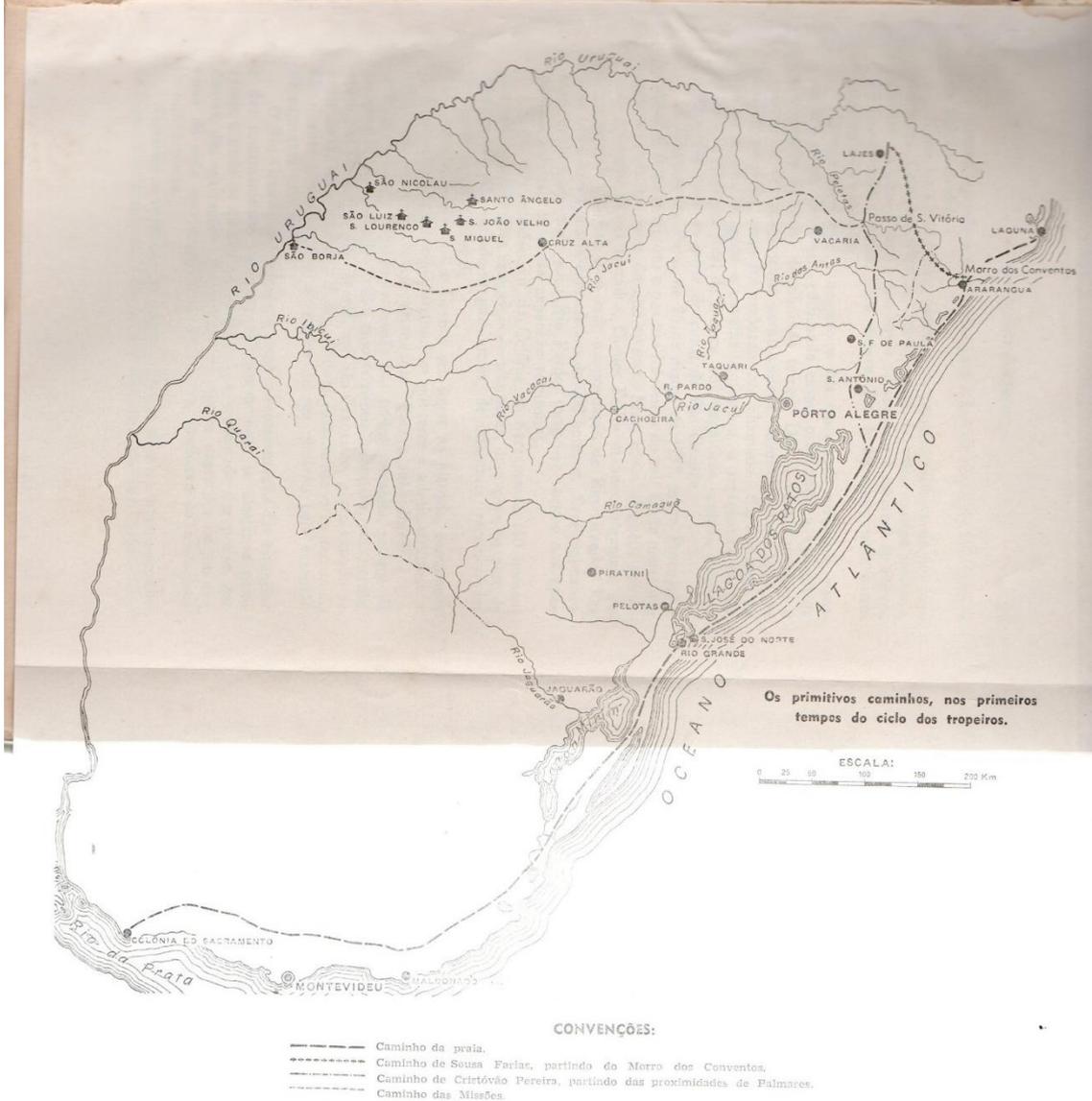
a terra e se apossavam de terras e  
 tas.  
 amento de maneira espontânea, como  
 observada a lentidão compatível com  
 a vila.

s de tijoco, cobertos de santa-fé, cir-  
 s e dos currais, onde era domesticado  
 Sacramento permanencia sob a ameaça  
 n não acatar as convenções firmadas

inguesa de boa estratégia ocupar efe-  
 ande, criando ali um estabelecimento  
 operações para futuros procedimentos

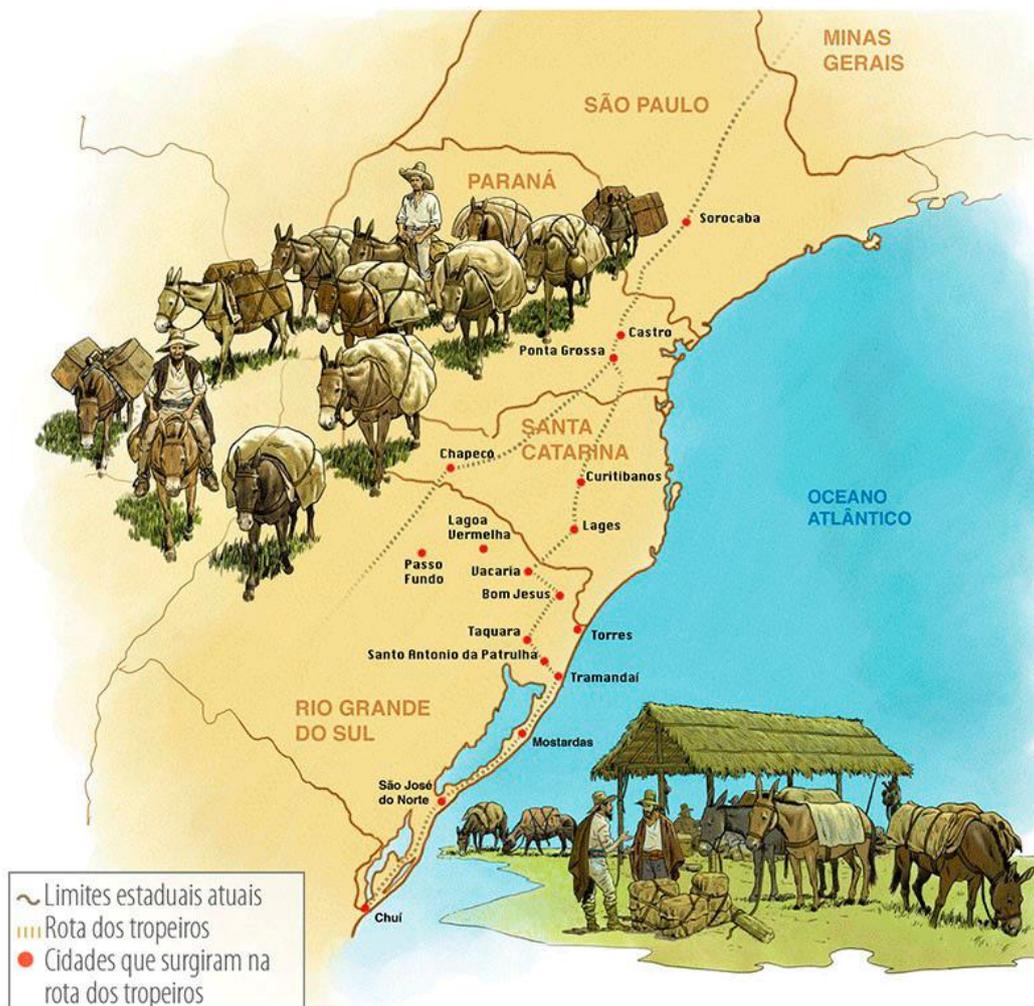
as, foi essa empresa levada a termo  
 Pais, notável militar e administrador.  
 ro à Colônia, Silva Pais, em sua cru-  
 tarina, donde entrou em comunicação  
 gando-o de fazer a cobertura da faixa  
 le, até as alturas do Chui. E velejou  
 que para o Rio da Prata.

ovão Pereira dominava, com sua gente,  
 s de valor estratégico, edificou forti-  
 gado e cavahada, preparou charque  
 nito de 1737, o brigadeiro desembarcou  
 de João de Magalhães, encontrou se-  
 ppa.



Fonte : Arthur F. Filho, cit acima

O caminho de Viamão, Vacaria, Lages, Curitiba- 1843 - Ilustração



Fonte : <https://www.estanciavirtual.com.br/inicial/2017-04-17-crist-c3-93v-c3-83o-pereira-o-pioneiro-do-tropeirismo-brasileiro>

Durante quase dois séculos, porém, o nome de Cristovão Pereira permaneceu na obscuridade, vindo a ser resgatado no começo do século XX. Como não teve projeção literária, não há, tampouco, registros de sua presença na cena cultural rio-grandense, nada se encontrando sobre ele no “Dicionário Bibliográfico Gaúcho”, de Pedro Leite Villas-Boas – Esta Digital, POA, 1991. Barbosa Lessa, entretanto, encontrou e transcreveu em seu “Rodeio dos Ventos”- Ed Globo, 1978, pgs.30/33, esta importante nota manuscrita do historiador Manoel José Gomes Freitas (1811-1884), deputado provincial e Vice Presidente da Província do Rio Grande do Sul, a qual deve ter orientado outros autores, anteriores, sobre o personagem:

*“O rico fidalgo português Cristóvão Pereira de Abreu (...) aos 42 anos arrematou, em leilão promovido pelo Rei, o monopólio de couros do Sul do Brasil, mediante o compromisso de pagar à Fazenda Real 70.000 cruzados por ano. Por seu dinamismo de empresário a Colônia do Sacramento se tornou o maior empório mundial de comércio e contrabando de couros no primeiro quartel do século XVIII, chegando a exportar 500.000 peças por ano. Entenda-*

se: quinhentos mil bois, caçados pelos índios minuanos ou comprados às estâncias jesuíticas, para aproveitamento exclusivo do couro, ficando a carne a apodrecer no chão das vacarias. (...)

Por essa época a ligação Sul e o Centro era feita exclusivamente por navios, que saíam da Colônia do Sacramento (diante de Buenos Aires) , tocavam Laguna e seguiam até São Vicente e Santos. Por terra, ninguém imaginava cruzar, pois entre a planície e o planalto surgiam escarpas praticamente intransponíveis. Mas Cristóvão Pereira sonhou integrar o Continente do Rio Grande ao restante do Brasil. Com admirável senso mercadológico, percebeu que as áridas montanhas de Minas Gerais produziam ouro mas não dispunham de pastagens para criar cavalos e mulas, com isto encarecendo o transporte feito no lombo dos escravos negros. No despovoado triângulo entre Laguna, Colônia e Missões, havia fartura desses animais. Os lagunenses, colonistas e missionários e, principalmente , os índios charrua e minuano, poderiam fornecer o produto por baixíssimo preço. (...)

Então associou-se ao lagunense Francisco de Souza Faria, que, com filhos e agregados, levou dois anos até abrir um pobre roteiro serra acima, entre Morro dos Conventos, à beira do Atlântico e os Campos de Curitiba, no plantou. Por aí subiu Cristóvão Pereira com uma primeira leva de 800 cavalo e mulas, viabilizando a ligação entre o Sul e a longínqua Sorocaba.” (...) Sua segunda viagem, - agora com 130 tropeiros levando 3.000 animais – durou um ano e dois meses até Sorocaba, e nesse percurso foi alargando e melhorando o caminho, inclusive com a construção de 300 pontilhões. (...) O negócio prometia ser ainda mais rentável que o comércio e exportação de couros (...). E assim se iniciou o fabulo ciclo dos tropeiros, interligando o Rio Grande a Sorocaba (...).

No mesmo sentido e tom , Moisés Velhino, Guilhermino Cesar e vários outros pioneiros dos estudos rio-grandenses registraram, nos anos 1950, a importância de Cristovão Pereira de Abreu para a formação histórica do Rio Grande do Sul. Do primeiro, o registro de um livro de autoria de João Borges Fortes, sob o título “Cristovão Pereira”, Tip do Centro, POA, 1932 e outro, de Wolfgang Hoffman Harnisch, “O Rio Grande do Sul – A Terra e o Homem”, Globo, POA, 1941, com destaque ao tropeiro. Um pouco mais tarde, Walter Spalding o situa como um dos “Construtores do Rio Grande I” , Ed. Sulina, 1969. Barbosa Lessa lhe consagra um capítulo em seu “Rodeio dos Ventos”, 1978.

Outros estudos aparecem em páginas dedicadas à cultura rio-grandense, como o bom trabalho de Fidélis Dalcin Barbosa , “A história dos tropeiros” - <http://www.ecodatradicao.com.br/historia-dos-tropeiros/> Mais recentemente, um escritor gaúcho , Sinval Medina, dedicou-lhe um romance histórico digno de louvor e reconhecimento: O Cavaleiro da Terra de Ninguém - Vida e Tempos de Cristovão Pereira de Abreu , Ed. Prumo.

Mais recentemente, em 2009, Dúnia dos Santos Nunes, aluna do Departamento de História da UFRGS, sob orientação do grande historiador do Rio Grande do Sul, Fabio Kuhn, apresentou um trabalho intitulado “A trajetória de um tropeiro no sul da América Portuguesa: Cristóvão Pereira de Abreu (1737-1755)” -

[http://www.pucrs.br/research/salao/2009-XSalaoI/C/SalaoI/Ciencias\\_Humanas/Hist%C3%B3ria/71220-DUNIADOSSANTOSNUNES.pdf](http://www.pucrs.br/research/salao/2009-XSalaoI/C/SalaoI/Ciencias_Humanas/Hist%C3%B3ria/71220-DUNIADOSSANTOSNUNES.pdf)

Registre-se a rara homenagem do tradicionalismo gaúcho à memória de Cristóvão Pereira de Abreu, na adoção de seu nome pelo CTG de Itaquí .

Em suas andanças Cristóvão Pereira andava sempre com muitos acompanhantes. Eis, a propósito o relato, de uma provável viagem de 1735, de um atento pesquisador publicado na Revista nº 133 do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, página 159, demonstrando a grande quantidade de pessoas que acompanhavam o Explorador dos Pampas e que pode ser conferido neste site que revelou, recentemente, documento de Jonhatas da Costa Rego Monteiro: - <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21317/000736681.pdf;sequence=1>. Em sua segunda travessia do litoral à Serra do Mar, que daria origem à cidades como Santo Antonio, São Francisco e Vacaria, teria sido acompanhado por 130 tropeiros conduzindo cerca de 3000 cabeças de gado - <https://www.estanciavirtual.com.br/inicial/2017-04-17-crist-c3-93v-c3-83o-pereira-o-pioneiro-do-tropeirismo-brasileiro>. Este negócio passou a ser considerado altamente rentável pelos paulistas chegando, no século seguinte, quando a mineração entrou em crise e o café ainda não se convertia na nova riqueza do país, numa grande fonte de riqueza. Como assinala Moysés Vellinho, citado (pg.133), isto significava econômica e politicamente para o Brasil, ninguém o disse com mais largueza de visão retrospectiva do que o historiador paulista Alfredo Elis Júnior:

*“Talvez a estrada do Rio Grande a São Paulo tenha sido a rota de maior importância da História do Brasil, pois sem ela não teria havido o ciclo do ouro, não teria havido o do café e nem a unidade nacional teria sido levada a cabo”*

A forte presença de Cristóvão Pereira no cenário da primeira metade do século XVIII no Rio Grande do Sul fê-lo merecedor das atenções da Coroa Portuguesa, a qual, pelas mãos das autoridades coloniais o fizeram merecedor de grandes sesmarias no municípios atuais de Jaquirana e São Francisco de Paula, que durante muito tempo estiveram no âmbito de Santo Antonio da Patrulha, junto ao litoral, um dos quatro grandes municípios do Rio Grande do Sul, junto com Rio Grande, Porto Alegre e Rio Pardo, levando a crer que o explorador viajava também pelo Planalto, na Estrada Real que saindo de Viamão encontrava-se (1843) com o Caminho dos Conventos, como registra outro pesquisador em 18 de agosto de 2018, Luiz Antônio Alves :

#### SESMARIA DE CRISTÓVÃO PEREIRA DE ABREU

[http://www.fuj.com.br/?a=postagem&p=sesmaria\\_de\\_cristovao\\_pereira\\_de\\_abreu\\_1128](http://www.fuj.com.br/?a=postagem&p=sesmaria_de_cristovao_pereira_de_abreu_1128)

**Ano: 1755!**

## REGISTRO DE UMA SESMARIA PASSADA A

### CHRISTÓVÃO PEREIRA DE ABREU

Gomes Freire de Andrada, Cavaleiro professo na Ordem de Christo do Conselho de S. Mag., Mestre de Campo-General de seus Exércitos, Governador e Capitão, General da Capitania do Rio de Janeiro, com o Governo das Minas Gerais &. Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que havendo Respeito me Representar por sua petição Christóvão Pereira de Abreu, que ele há muitos anos tinha povoado nos Campos de Cima da Serra de Viamão uma fazenda de criar gado vaccum e cavalari entre os Rios das Farinhas e Camisas e por não ter mais títulos, que a posse queria tirar por Sesmaria, três léguas de terra na forma das Ordens de S. Mag. fazendo testado no Capão das Congonhas com as vertentes de uma e outra parte, e costiado pelos ditos dois rios com os fundos que der até a Serra donde tem o seu nascimento pelo que pedia lhe mandasse passar por Carta de Sesmaria, com as confrontações referidas; e sendo visto seu requerimento, em que foi ouvido Provedor da Fazenda Real e, a Câmara desta Vila a quem se não ofereceu dúvida:hei por bem dar de Sesmaria em nome de S. Mag. em virtude da Ordem do mesmo Senhor de quinze de junho de mil setecentos e onze ao dito Christóvão Pereira de Abreu, na referida paragem três léguas de terra de cumprido, e uma de largo, com as confrontações acima declaradas, sem prejuízo de terceiro, ou do direito, que alguma pessoa tenha a elas, com a declaração que as cultivará e requererá a S. Mag. pelo seu Conselho Ultramarino, confirmação desta minha Carta de Sesmaria, dentro em dois anos e não o fazendo se-lhe denegará mais tempo; e antes de tomar posse das ditas terras a fará medir e demarcar judicialmente sendo para esse efeito notificados os vizinhos com que partirem e será obrigado a fazer Os Caminhos de sua Testada, com pontes e estivas, onde necessário for, e havendo nela algum Rio caudaloso, que necessite de barca para se atravessar, ficará de uma das margens o espaço de meia légua para serventia pública, e nesta data não poderá suceder em tempo algum pessoa eclesiástica ou religião e acontecendo será com encargo de pagar dízimos, e outro qualquer direito, que S. Mag. lhe impuser, de novo, e não o fazendo se poderá dar a quem o denunciar, como também sendo o dito Senhor servido mandar fundar no distrito dela alguma vila o poderá fazer ficando livre e sem encargo para o Sesmeiro e não compreenderá, nesta data, vieiros ou minas de qualquer gênero de metal, que nela se descobrir, reservando também os paus reais e os pinheiros postos sejam realengos e faltando a qualquer das ditas cláusulas por serem conforme as ordens de S. Mag. e as que dispõe a Lei e Foral das Sesmarias, ficará privado dela pelo que mando ao Ministro ou Oficial de Justiça a que o conhecimento desta pertencer, de posse ao dito Christóvão Pereira de Abreu da referida terra na forma acima declarada. E por firmeza de tudo lhe mandei passar a presente por duas vias por mim assinadas e seladas com o selo de minhas Armas, que se cumprirá inteiramente como nelas se contém, registrando-se nesta Secretaria e mais partes a que tocar. Dada nesta vila do Rio Grande de São Pedro a vinte e três de junho, ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil setecentos e cinquenta e cinco. O Secretário da Expedição, Manoel da Silva Neves, a fez e escrevo Gomes Freire de Andrada .

Grafia adaptada. Revista do Arquivo Público Mineiro, Volume 23, pág. 171/172.

Ao trazer à tona a figura deste grande explorador das solidões do pampa, cumpro um velho sentimento de homenagem a este pioneiro da incorporação do Rio Grande ao Brasil. Desde a primeira vez que li sobre ele, no livro Capitania d El Rey, de Moysés Vellinho, senti-me fortemente atraído pela seu protagonismo. Morando, agora, na foz do Rio Mampituba, ora em Torres/RS,

ora no Passo de Torres/SC, a ele volto na tentativa de encontrar, por aqui rastros de suas passagens. Difícil. Tudo indica que malgrado os seus serviços prestados, acabou pobre e endividado na cidade que ajudou a fundar, Rio Grande, nada deixando como herança senão a glória de falas e feitos, suficiente, aliás, segundo os gregos, para assegurar-lhe imortalidade. Ao escolher seu nome como meu Patrono na ALPAS 21 reconcilio-me com a dívida de fazer-lhe esta justiça. Ainda assim, sob a histórica advertência de bíblicas eras, polida por Descartes, como imperativo do conhecimento: a dúvida metódica. Valho-me, pois, das últimas palavras de Barbosa Lessa, em Rodeio dos Ventos, não como ponto final desta investigação, mas com dois pontos de expectativa:

*“Ou nossa memória nacional é uma vergonha, ou então perdi meu precioso tempo lendo um disparate ou brincadeira de mau gosto de um finado historiado...  
Ajudem-me a sair desta dúvida: será mesmo que existiu o tal Cristóvão Pereira?”*

### **Bibliografia consultado e referida pelos autores citados:**

#### Arquivos

Fontes Primárias Manuscritas e Impressas ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Anais. Porto Alegre: IEL/AHRGS, 1977. V.1.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo. Docs. n. 1188, 1580, 1600, 1642, 1670, 1671.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Demarcação do Sul do Brasil. In: Revista do Arquivo Público Mineiro. V. XXI, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Demarcação do Sul do Brasil. In: Revista do Arquivo Público Mineiro. V. XXIV (1), Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1933.

ARQUIVO AURÉLIO PORTO. Cristóvão Pereira de Abreu. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. N° 133 (1998), pp.159-161.

#### Livros

ABREU, Cristovam Pereira de – Relatórios Sertanistas – Liv. Martins Ed. , SP, 1953

ALBUQUERQUE, Mario Marcondes de. **Grandes Regiões e Grandes Pioneiros**. Curitiba: Ed. Lítero-Técnica, 1995. 185p.

BARRETO, Abeyllar – Bibliografia Sul – Riograndense – Cconselho Federal de Cultura , RJ, 1973

CESAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul – período colonial. Porto Alegre: Ed. Globo, 1980.

COSTA E SILVA, Riograndino da. Notas à margem da história do Rio Grande do Sul. Editora Globo, 1968.

ELLIS JR, Alfredo – O ciclo do luar in Revista de História, S.Paulo, no.01 -1953.

FERREIRA Fº, Arthur. História geral do Rio Grande do Sul 1503-1964. Porto Alegre: Globo, 1958 (1ª edição) e 1965 (2ª. Edição)

FORTES, João Borges – Cristovam Pereira – Tip do Centro – POA 1932.

FORTES, João Borges. Rio Grande de São Pedro: povoamento e conquista. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1941.

FREITAS, Manoel José Gomes Freitas (1811-1884) – Manuscrito citado por Barbosa Lessa, cit., em Rodeio dos Ventos.

GOULART, José Alípio. Tropas e tropeiros na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

GUTFREIND, Ieda. A Historiografia Rio-grandense. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1992.

HAMEISTER, Martha Daisson. O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes (c.1727-c.1763). Rio de Janeiro, UFRJ, 2002. Dissertação, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2002. Lessa, Barbosa – Rodeio dos Ventos – Uma síntese fantástica da História do R.Grande – Ed. Saraiva

Harnisch, Wolfgang Hoffman - "O Rio Grande do Sul – A Terra e o Homem", Globo, POA, 1941

MIRCO, Carmen Helena Braz - Textos para o estudo da História do Município do Rio Grande, XVI-XVII. Rio Grande: FURG, 1987. PORTO, Aurélio. História das Missões Orientais do Uruguai – Segunda Parte. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954.

RUSCHEL , R.R. – Torres tem História , EST, 2004.

SILVA, Bento Barcelos da – Vale do Mampituba – Café Prod. – Torres 2ª. Ed 2018

SPALDING, Walter. Construtores do Rio Grande. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1969. Volume I , 147

VELLINHO, Moysés. Capitania d’El-Rei: atos polêmicos da formação rio-grandense. Porto Alegre: Ed. Globo 2ª. Edição 1970.

Sites e Blogs

Eco Tradição - <http://www.ecodatradicao.com.br/historia-dos-tropeiros/>

Estancia Virtual - <https://www.estanciavirtual.com.br/inicial/2017-04-17-crist-c3-93v-c3-83o-pereira-o-pioneiro-do-tropeirismo-brasileiro>